

O CONTRA-DISCURSO DO PODER

A relação entre as tentações de Jesus e os anúncios de sua paixão e morte no Evangelho de Lucas

Celso Loraschi

Todo texto bíblico mexe com o poder. Os grupos populares de estudo da Bíblia percebem isso com facilidade. Certos textos mexem mais do que outros. É o caso do Evangelho de Lucas. Do início ao fim aparecem conflitos entre concepções e projetos nascidos de grupos diversos, com diferentes interesses. Desde o início do seu ministério, Jesus enfrenta o embate com propostas diabólicas que buscam desviá-lo de sua missão de defensor e promotor das vítimas dos sistemas de dominação. As propostas em conflito estão sintetizadas na tríplice tentação em 4,1-13. São muitos os momentos em que Jesus revela a preocupação com as relações de poder que perpassam o cotidiano dos discípulos. São contundentes as chamadas de atenção através, por exemplo, do tríplice anúncio de sua paixão e morte: 9,22-26; 9,43b-48 e 18,31-34. Estes anúncios parecem estar intimamente ligados com as tentações de Jesus. É o que queremos verificar através deste artigo.

As tentações: possibilidades de escolha

A narrativa das tentações de Jesus, em Lc 4,1-13, encontra-se imediatamente antes do início do seu ministério público e após o seu batismo. Lucas faz uso de uma linguagem simbólica para expressar realidades que, de outra forma, seria impossível descrevê-las. Baseia-se em fontes literárias, especialmente a de Deuteronômio que se refere às tentações às quais o povo de Israel foi submetido na caminhada pelo deserto: Dt 6,13.16; 8,2-3. Sua intenção é descrever antecipadamente todas as tentações pelas quais vai passar Jesus até o fim de sua vida.

O “diabo”, inimigo do plano de Deus para a humanidade (cujas expressões podem encontrar-se dentro de cada um de nós como nas próprias estruturas sociais), convida Jesus a realizar sua missão por um outro caminho, procurando fazê-lo abandonar o tipo de papel que iria desempenhar como Messias sofredor. Jesus foi tentado a dar preferência a uma lógica criada a partir de intentos egoístas à da sabedoria divina. Tem a possibilidade de apresentar um falso messianismo satisfazendo as expectativas dos seus contemporâneos ou optar pela realização da vontade do Pai assumindo o serviço de libertação junto às pessoas excluídas.

A opção de Jesus, de forma livre e consciente, estabelece o modelo de resposta que todo ser humano é convidado a dar frente às tendências egoístas, tanto no nível pessoal como no familiar e no social.

Primeira tentação: a dimensão econômica do poder

A primeira tentação de transformar pedras em pão indica a dimensão econômica do poder. Refere-se à orientação do sentido da vida na aquisição possessiva de bens materiais. A necessidade de prover o sustento necessário para o dia-a-dia pode nos levar à tentação de aplicar toda a nossa capacidade para garantir a segurança material em detrimento de todos os outros aspectos da vida.

Jesus, como ser humano, sentiu-se certamente atraído pela proposta de orientar toda a sua existência acumulando bens e gozando dos prazeres que os mesmos podem oferecer. Inclusive podia ancorar-se na “teologia da retribuição” tão presente nos ensinamentos oficiais dos doutores da lei, legitimando a riqueza e o bem-estar físico como bênção divina. Porém, Jesus vai por outro caminho.

Ele arrisca e até sacrifica a saúde física e a própria vida no cumprimento de sua missão e em coerência aos valores que elegeu como irrenunciáveis. Com sua resposta de que a pessoa vive não só de pão, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus, informa-nos a respeito da perspectiva essencial que deve conduzir todos os nossos passos. Esta perspectiva, de forma complementar, está contida na expressão de Mateus: “Buscai primeiro o Reino de Deus e sua justiça e tudo o mais vos será acrescentado” (6,33). A palavra de Deus constitui a fonte e a autoridade de onde emana todo ensinamento capaz de realizar as aspirações mais profundas de cada um de nós; é alimento capaz de satisfazer a fome do coração humano, desejoso de inteireza e autenticidade.

Segunda tentação: a dimensão política do poder

A segunda tentação, a de apossar-se de todos os reinos do mundo, indica a dimensão política do poder. Equivale à tentação da idolatria por excelência: adoração a satanás. É posicionar-se como um ser divino com o poder de agir, de forma absoluta, sobre pessoas e bens. É a tentação de querer alcançar a felicidade suprema pela auto-afirmação e pelo domínio sobre outros.

Jesus, com certeza, confrontou-se com essa possibilidade de orientar toda a sua vida para angariar prestígio social e galgar cargos políticos que lhe conferissem força, lhe impusessem respeito e lhe proporcionassem todos os meios de dominação sobre multidões de pessoas.

A idolatria proporciona alienação e submissão aos desejos egoístas de pessoas, grupos ou instituições. O posicionamento de Jesus, ao rejeitar esta tentação, transforma-se no caminho de superação de todo servilismo. Coloca a Deus como único Ser digno de adoração. Por isso, recusa todo poder terreno que confere domínio de uns sobre outros. Ele propõe e orienta toda sua missão na organização de uma nova ordem social como realização da vontade do Pai. Revela, assim, a verdadeira origem do Reino de justiça, fraternidade e paz: é dom de Deus ao mundo.

Terceira tentação: a dimensão religiosa do poder

A terceira tentação que o diabo propõe a Jesus é a de se lançar de cima do pináculo do Templo sob a proteção dos anjos; refere-se à dimensão religiosa do poder. O “pinácu-

lo” não poderia sugerir, além da parte física mais alta do Templo, o cargo mais elevado que um judeu poderia galgar na hierarquia do sistema religioso? Esse caminho de poder, pela via religiosa, proporcionaria a Jesus prestígio e proteção muito especiais. A pessoa envolvida na “auréola” de uma espiritualidade legitimada pela ideologia do sistema religioso oficial, como era o caso do templo de Jerusalém, sente-se assegurada pela “blindagem” que seu status religioso proporciona. Transforma-se numa espécie de ser intocável porque se movimenta num âmbito sobrenatural, que pode comunicar-se mais de perto com Deus ou que representa o próprio Deus no meio dos humanos comuns.

Jesus, como judeu, do sexo masculino, cuja genealogia lhe garante a certeza de pertença à raça pura, com dons especiais que lhe conferem o título de rabino, poderia ter escolhido o caminho do poder religioso oficial. Ou também, como “Filho de Deus” poderia fazer uso dessa prerrogativa e demonstrar ações maravilhosas e resultados magníficos aos olhos dos seus contemporâneos. Poderia “forçar” a obra da providência de Deus, solucionando os problemas humanos e para fazê-lo cumprir, de forma mágica, sua promessa de salvação para a humanidade. A lógica divina, porém, não segue o caminho da racionalidade humana, que apresenta projetos atraentes com retóricas espetaculares para atender as expectativas de multidões e angariar a sua simpatia, alienando sua consciência.

A resposta de Jesus de não tentar ao Senhor Deus informa-nos de que a lógica humana deve submeter-se à lógica divina e não o contrário. A vontade do Pai, de forma desconcertante, manifesta-se no caminho da obediência de seu Filho até a morte de cruz. Com isso cai por terra toda presunção de querer usar a Deus para a vanglória humana.

Rupturas e opções

As rupturas realizadas por Jesus em sua vida são atitudes coerentes com a missão que Ele abraça. Ao dizer seu “não” definitivo ao poder em sua tríplice dimensão, Jesus lança-se por inteiro no seu ministério de evangelização junto às vítimas dos sistemas dominantes. Lucas sintetiza esta opção de Jesus em 4,18-19. Ungido pelo Espírito Santo assume a causa de libertação dos pobres, presos, cegos e oprimidos. São quatro categorias sociais sinalizando a totalidade das pessoas excluídas. A essa gente Jesus pronuncia seu “sim” definitivo.

É o início de uma grande caminhada na qual Jesus demonstra seu afastamento das estâncias detentoras do poder, cujos agentes o vigiam, o perseguem e o ameaçam até condená-lo à morte. Nada, porém, o afasta do serviço assumido com convicção, junto aos empobrecidos, através de ensinamentos e ações, abrindo caminhos que proporcionem vida digna sem exclusão. A realidade das pessoas pobres está presente como princípio, como aquilo que continua atuante no processo da prática de Jesus, orientando seu pensar e motivando sua finalidade. Suas palavras e suas ações revelam um novo ponto de partida que proporciona uma nova visão das coisas, inspirando princípios para uma nova ordem social: o Reino de Deus.

Fazer a vontade de Deus corresponde ao amor preferencial pelo próximo necessitado. Toda sua prática revela um messianismo transgressor das expectativas oficiais,

pois não se submete ao sistema legalista judaico, dentro do qual o Messias deveria conformar-se; também não satisfaz as expectativas populares visto que Jesus não cede aos apelos que sugerem adesão a algum tipo de domínio sobre as multidões.

A lógica de Jesus e a lógica dos discípulos

Lucas faz questão de descrever, de forma insistente, o quanto está sendo difícil para os discípulos compreenderem quem realmente é Jesus. Contaminados pela ideologia do poder econômico, político e religioso, não conseguem assimilar a idéia e, muito menos, seguir a prática de um Messias pobre, servo do Pai e dos pequeninos. A concepção triunfalista de Messias tomou conta do coração dos discípulos e não será fácil superá-la. Precisam ser curados de sua cegueira. É o que Jesus vai tentar, de modo especial, através dos três anúncios de sua paixão e morte.

A insistência de Jesus de revelar-se como Messias servo e sofredor contrapõe-se à insistência do diabo em tentar Jesus, para que se revele como um Messias forte e poderoso. Há necessidade de aprofundar as condições para seguir a Jesus.

Primeiro anúncio: renunciar à pretensão de acumular

Não é por acaso que o 1º anúncio (9,22-26) se dá logo após à profissão de fé de Pedro, em companhia dos demais discípulos. Ele prontamente responde à pergunta sobre a identidade de Jesus: “Tu és o Messias de Deus”. A resposta teoricamente correta provoca a advertência severa de Jesus para que isto não se espalhe. E faz o primeiro anúncio de sua paixão e morte como tentativa de desmonte do messianismo distorcido que se encontra na visão dos discípulos.

As instruções que vem logo a seguir demonstram claramente a preocupação de Jesus de eliminar pela raiz a pretensão de absolutizar os bens criados como forma de salvar a própria vida: “Com efeito, que aproveita ao ser humano ganhar o mundo inteiro...?”

Este caminho de poder, pelo viés econômico, foi a proposta diabólica expressa na primeira tentação de Jesus. A renúncia a este caminho é condição imprescindível para o seguimento de Jesus.

O segundo anúncio: renunciar à pretensão de dominar

O segundo anúncio da paixão (9,43b-48) se dá após o relato da cura de uma pessoa transtornada por um mau espírito (demônio) que a derruba, a violenta e a dilacera. Todos ficam admirados com o que acabam de ver. O ambiente certamente é bem favorável para elevar a fama e o poder de Jesus. Deve ser esta a intenção do povo. Mas Jesus, imediatamente, fala aos discípulos para abrirem bem os ouvidos e prestarem atenção ao que Ele vai dizer. E anuncia que irá ser entregue. Os discípulos novamente manifestam que não compreendem estas palavras. Tamanha é a sua incompreensão que logo começam a discutir sobre “quem deles seria o maior”.

Este é o momento de aprofundar o sentido da renúncia à vontade de poder e indicar o caminho de libertação de toda vaidade pessoal: “Aquele que no vosso meio for o menor, este será o maior”. E para completar o sentido desta advertência, Jesus a conecta com a acolhida dos pequeninos, apontando uma criança como modelo. Desse modo, Ele demonstra sua preocupação de eliminar a pretensão de domínio de uns sobre outros.

Esse caminho de poder, pelo viés político, foi a proposta diabólica expressa na segunda tentação de Jesus. A renúncia a este caminho é condição imprescindível para o seguimento de Jesus.

O terceiro anúncio: renunciar à pretensão de manipular a Deus

O terceiro anúncio se dá no contexto da caminhada rumo a Jerusalém. Em Lc 9,51 percebe-se o momento exato em que Jesus decide resolutamente pôr-se a caminho para a capital. Caminha na direção do Templo para denunciá-lo como uma instituição que instrumentaliza a “casa de Deus”, transformando-a em “covil de ladrões” (19,45-46). E é dentro do Templo que Jesus ensina com toda a liberdade, atraindo a atenção do povo e a rejeição crescente dos líderes religiosos. Vai-se cumprindo, assim, os termos dos anúncios de sua paixão e morte.

Precedido pela promessa de recompensa aos que deixam tudo “por causa do Reino de Deus” e sucedido pela cura do cego de Jericó, o terceiro anúncio da paixão (18,31-34) revela a necessidade de cura da cegueira ideológica da qual estão acometidos os discípulos. Pela sua ação profética no Templo e pelos seus ensinamentos dentro dele, Jesus desbarata o sistema teocrático com sua pretensão de manipular a Deus e a consciência do povo.

Esse caminho de poder, pelo viés religioso, foi a proposta diabólica expressa na terceira tentação de Jesus. A renúncia a este caminho é condição imprescindível para o seguimento de Jesus.

Rupturas e opções

Os testemunhos das primeiras comunidades cristãs, através dos diversos escritos, representam preciosas contribuições para a espiritualidade do seguimento de Jesus também para o nosso tempo. No Evangelho de Lucas podemos constatar uma grande insistência no que se refere à necessidade dos discípulos se libertarem das amarras que impedem entrar livre e convictamente no caminho do Reino de Deus, centro da pregação e da prática de Jesus.

Esta insistência revela, com muita probabilidade, os problemas e desafios que afetam as comunidades de Lucas no tempo da redação de sua obra, pelo final do primeiro século. Situadas especialmente no mundo urbano, com alta incidência de pessoas pobres e marginalizadas, estas comunidades enfrentam as conseqüências de estruturas sociais que proporcionam alta concentração de bens e de decisões nas mãos de uma minoria.

O poder, entendido como expressões de egoísmo e de dominação, em sua tríplice dimensão econômica, política e religiosa, é a causa primeira dos males que impedem o

estabelecimento do Reino de Deus, cuja premissa fundamental é a vivência da fraternidade. Por isso, certamente, a preocupação com as relações de poder constitui-se num dos principais fios condutores da prática de Jesus de Nazaré.

Ruptura e opção são duas palavras-chave que indicam a possibilidade real e cotidiana de aderir ou de renunciar ao caminho do Reino de Deus. Neste aspecto, sobretudo, dá-se a ligação íntima entre o episódio das três tentações de Jesus e os três anúncios de sua paixão e morte. Aqui, os discípulos demonstram imensa dificuldade de superar o que lá Jesus enfrentou e venceu. Mesmo fazendo parte da comunidade de Jesus, os discípulos demonstram, pelas suas atitudes, que estão contaminados pela mentalidade do triunfalismo e da competição.

É outro, porém, o caminho de Jesus. Ele é entendido e seguido pelas pessoas simples e pequeninas que manifestam o seu contra-discurso do poder numa prática cotidiana voltada para a defesa da vida em seus mais diversos aspectos.

São abundantes os esforços pessoais e coletivos que sinalizam a presença do Reino de Deus, tanto no tempo de Jesus como em nossos dias. São realizados por pessoas anônimas que exercem o poder-serviço no interior da história das vítimas do poder-dominação. Não se deixam abater pelas adversidades, mas empregam sua energia apostando num mundo de paz e de fraternidade a partir do pequeno espaço onde moram. Ao perceber estes “focos de luz” brilhando na vida desta gente, que o busca e o segue de coração sincero, Jesus exulta de alegria e extravasa sua alma numa oração de louvor ao Pai. A comunidade de Lucas guardou na memória e registrou este momento especial:

“Eu te louvo, ó Pai,
Senhor do céu e da terra,
porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos,
e as revelaste aos pequeninos.
Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10,21).

Bibliografia:

1. CARAVIAS, José L. *O Deus de Jesus*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.
2. BOFF, Clodovis. *O Evangelho do Poder-Serviço*. Publicações CRB, 1984.
3. GALLI, Marcelo. *As Tentações do Poder*, in: *Revista Filosofia Ciência & Vida*, ano I, nº 02.
4. L'EPLATTENIER, C. *Leitura do Evangelho de Lucas*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1993, p. 100.
5. MESTERS, Carlos. *A Prática de Jesus*. Belo Horizonte: CEBI.
6. MOSCONI, Luís. *Evangelho de Jesus Cristo Segundo Lucas*. São Paulo: Ed. Loyola, 1997.
7. NAVONE, J. in: FIORES, Stefano e GOFFI, Tullo de. *Dicionário de Espiritualidade*. Paulus: Ed. Paulus, 1993.
8. SOARES, Sebastião A.G. in: DIETRICH, Luiz J. (org.). *Ser é poder*. São Leopoldo: CEBI e São Paulo: Paulus, 2002.

9. SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia – Descer da Cruz os Povos Crucificados*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.
10. STORNILO, Ivo. *As tentações de Jesus*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1988.
11. RIUS-CAMPS. *O Evangelho de Lucas – O Êxodo do Homem Livre*, Ed. Paulus, S. Paulo, 1995.

Celso Loraschi
R. Francisco Goulart, 103 / Apto. 303
Bairro Trindade
88.036-600 – Florianópolis – SC
E-mail: qtzl@ibest.com.br